ESCRITA DE SI, MEMÓRIA DOS OUTROS: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA EM SALOMÃO ALVES DE MOURA BRASIL.

Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira[*]
rycardo@bol.com.br

RESUMO

Salomão Alves de Moura Brasil nasceu na cidade de Jaguaribe-Ce, mas constitui desde a infância sua história em Aracoiaba-Ce. Foi político, professor e advogado, reconhecido como educador ilustre e intelectual da cidade recebe a intitulação de "Papa da educação de Aracoiaba do Maciço de Baturité" em 1990. Vem a óbito em 18 de maio de 2009. Salomão narrado é o eu da história, é o ato do ato, pois protagoniza no espaço vida de maneira que o possibilita atuar no *espaço papel*. Sua obra autobiográfica "O Menino Que Disse SIM" nos levou buscar problemas e compreender o olhar de Salomão sobre si mesmo assim como acerca do espaço que atuou politicamente durante sua vida. A proposta central deste trabalho se estabelece em torno da análise e compreensão de como Salomão utiliza e articula suas memórias em função de uma auto-representação narrativa em seus trabalhos de *escrita de si.*

Palavras-Chave: escrita de si, memória, autobiografia, narrativa.

RESUMEN

Salomão Alves de Moura Brasil Jaguaribe-Ce, pero es su historia desde la infancia en Aracoiaba-Ce. Fue un político, abogado y maestro, admitido como educador e intelectual ilustre ciudad recibe la titularidad de la ""Papa da educação de Aracoiaba do Maciço de Baturité". Ven murió el 18 de mayo de 2009. Salomão me está narrada la historia, es el acto del acto, lleva a la vida en el espacio, por lo que la ley permite el espacio papel. Su obra autobiográfica "O Menino Que Disse SIM" nos hizo buscar y entender los problemas de Salomão buscar en sí mismo, así como por el espacio que sirvió durante su vida política. El propósito de este trabajo se establece en torno al análisis y la comprensión de cómo Salomão usa y articula su memoria debido a una representación propia narrativa en la obra de la escritura misma.

Palabras-clave: escritura libre, memoria, autobiografía, narrativa.

[*] Graduado em História Licenciatura Plena (2012) pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória.
Pierre Nora. Entre memória e história. A problemática dos lugares.

Debate preliminar

O debate em torno da análise da escritura autobiográfica leva como ponto crucial de consideração que "um processo de mudança social pela qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor ao indivíduo, que se torna "moderno" justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social". (GOMES, 2004, p. 11-12).

Cartas, diários íntimos, fotografias, coleções e autobiografias compõe o que podemos classificar hoje, na História enquanto disciplina, como tipos específicos de práticas de *escrita* e *produções de si.* Tais práticas, por sua vez, têm seus aspectos de motivações e intenções pelas seleções da memória em sentidos diferenciados, pois "em todos esses exemplos do que se podem considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais relacionados com sua própria vida" (*Idem*).

Embora nos pareça clara uma certeza que tais práticas estão estritamente relacionadas, ou unicamente identificadas como caracterização típica à nossa época, com a explosão de sites de relacionamentos, onde são possíveis "construções virtuais de si", não é de hoje que tais práticas vêm sendo elaboradas por indivíduos e postas em exposição por diversos canais e nas mais variadas intenções, contudo, a reconfiguração dos padrões e sentidos são reestabelecidos por casos particulares e tempos específicos.

As maneiras de "iluminar" a si diante dos outros não correspondem a um tempo ou período específico, pois em diversos tempos e sociedades houveram sujeitos com intenções de se auto elaborar diante de seus semelhantes, seja para fins políticos, religiosos ou mesmo intenções pessoais íntimas.

Falemos então da *escrita de si*[1] em um dos seus aspectos mais significativos, as autobiografias. Propositalmente, reconheçamos um momento escolhido em função desse sentido.

[1] "A escrita de si, *écriture de soi*, termo cunhado por Michael Foucault e que se liga as suas pesquisas sobre a "cultura de si", compreende uma forma de manifestação discursiva na qual o sujeito se coloca em relação consigo mesmo, englobando manifestações que se distribuem temporalmente do epistolário de Sêneca às *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, passando pelas meditações estoicas do imperador Marco Aurélio e pelas *Confissões* de Santo Agostinho, entre outros, mantendo suas características de discurso construído na primeira

> A partir do século XVIII, ganhando forças ao longo do século seguinte, que produziu como nunca antes autobiógrafos e leitores de autobiografias, este gênero conquistou cada vez mais seu espaço como forma de expressão acessível e eficaz instrumento de comunicação. (CALADO, 2009, p. 105).

As maneiras de se construir no ato da escrita não datam da criação dos *websites* de nosso tempo. Um exemplo do século XVIII conhecido por muitos de nós é o caso de Rousseau, em sua autobiografia *Confissões.* Rousseau é singular (ou se reconhece como tal) em seu espaço e em sua época ao desempenhar uma *escrita de si* – na verdade uma escrita propriamente autobiográfica - na intenção de exibir a plena verdade enquanto maneja sua vida no exercício da escrita.

Em um momento onde determinadas práticas não dispunham de espaços ou referências para tal expectativa ou inspiração, Rousseau denomina seu trabalho da seguinte maneira: "Eis o único retrato de homem, pintado exatamente ao natural e em toda sua verdade, que existe e que provavelmente jamais existirá". E ainda, "Tenho em mente um projeto no qual jamais houve exemplo e cuja execução não terá nenhum imitador" (ROUSSEAU *apud* LEVI, 2006, p. 171).

Quanto ao ato de se autobiografar pela escrita, muitos o fazem hoje, tal prática não nos é mais uma novidade, no entanto, as intenções sempre são motivadas e volatizadas por ideias pertinentes a uma dada época-espaço-situação, sendo assim, obviamente, tanto por questões estruturais como por situações específicas a escrita autobiográfica de Rousseau desempenha um papel singular em sua época, do mesmo modo que a prática da escrita não está desvinculada de seu tempo, suas noções não estão extrínsecas de relações travadas entre suas experiências íntimas de conflitos sociais e consigo mesmo.

Em termos gerais, podemos audaciosamente perguntar: o que leva o indivíduo a escrever sobre si? Quais intenções perpassam no sujeito ao tramar sua vida, seus ideais e concepções em uma auto elaboração escrita? (Que Rousseau teve seus motivos, isso não nos resta dúvidas). Melhor ainda podemos formular estas questões, talvez de forma mais específica: O que estabelece a necessidade ou interesse, simples ou complexo, do indivíduo "concretizar" para posteridade, por intermédio da *grafia,* específicas e selecionadas concepções subjetivas sobre sua própria vida?

---

pessoa, com ponto de vista totalizador e retrospectivo, no qual alguns eventos significam erro lamentável ou feliz conversão". (SILVA *in* AVELAR & SCHMIDT, 2012, p. 42-43).

A propósito ou em função dos problemas acima poderemos esclarecer de forma sintética o que nos disse Contardo Calligaris, ao modo que atribui seu olhar aos diários íntimos e autobiografias nos deixando ideias, (não sendo compreendidas aqui como regras, mas como expectativas) que nos possibilita instrumentalizar noções acerca da escrita auto-referencial. Calligaris nos esclarece que: “diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidade de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido” (CALLIGARIS, 1992, p. 43). Os determinantes, *confessar*, *justificar* e *inventar* propostos por Calligaris se dissolvem quando entendemos que uma vida escrita não pode ter seus limites em uma explicação psicanalítica simples e sem levar em consideração o tempo, mas perpassa por influências sociais históricas[2] que abrem caminhos para relações que podem ser explicadas apenas provisoriamente.

A ideia central deste trabalho pode ser entendida na lida de estabelecer uma perspectiva histórica de tal escrita ao atentar para análise acerca de uma *escrita de si* específica[3]. Pretendemos então olhar de forma específica as motivações e estratégias ali presentes no ato da escrita, na montagem das tramas nos usos da memória, observando também os espaços, analisando significados, percebendo relações e tendo como premissa quem atuou, de que forma, e por que atuou; faz-se necessário então deduzir ou refletir que, não há como explicar de forma determinante ou geral as motivações que levam o sujeito a tramar a própria vida no papel, isso se edifica em função da seguinte premissa: os cenários e as situações são diversos, a vida é caleidoscópica, sendo assim, os anseios e vontades de um indivíduo não podem ser pré-estabelecidas sem que haja um “contato” com as memórias das práticas do sujeito que se auto-referenciam, assim como uma consciência do contexto em que o mesmo vivenciou suas experiências.

As posições tomadas na narrativa diante das experiências rememoradas estabelecem vínculos para a condução do eu no plano narrativo. Nesse sentido podemos pensar a partir de Ricoeur, quando nos enfatiza que: “A história narrada diz o quem da ação. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa” (RICOEUR, 1997, p. 424). A pergunta básica pode ser: Como ele/ela olhou para o passado e construiu uma identidade de si pela/na escrita? Isso envolve o presente, as posições assumidas, as decisões tomadas, as concepções sobre o *eu* do passado, bem como suas antigas escolhas e feitos justificadas pelo presente a

[2] Philippe Lejeune, especialista em escritos autobiográficos, enfatiza que “a autobiografia se define a esse nível global: é um modo de leitura tanto como um tipo de escritura, é um efeito contratual que varia historicamente” (LEJEUNE apud MARTINS, 2008, p. 102).

[3] Refiro-me aqui especificamente aos escritos autobiográficos de Salomão Alves de Moura Brasil, ao qual trataremos mais adiante enquanto norteador central de nossa discussão.

partir de um *si mesmo*. Tudo isso será utilizado em função da construção do "quem" da narrativa ou do "quem" que passa ser pela narrativa.

As permanências das "marcas" do trajeto, as reflexões do presente, estimulam ou podem estimular o indivíduo a pensar em si na busca de uma cristalização concreta por meio de uma reconstituição biográfica, esta é uma das maneiras de legitimar tal astucia. Para tanto, faz-se necessário os momentos de reflexão em torno de si, onde os momentos marcantes ou traumáticos estão em evidência. As faces da vida, da trajetória em suas multiplicidades, permitem as práticas autobiográficas serem postas em atividade também por meio da seleção, pois não há como o todo está em evidência, ou seja, "somente conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou a outro aspecto" (POLLAK, 1989, p. 8). Essas lembranças certamente farão parte da auto-representação do indivíduo na escrita, terão um sentido especial para o sujeito que se autobiografa, o permitirão dar "consistência" na emissão da vida no texto, ou melhor, o olhar do sujeito sobre si em/durante sua prática de uma narrativa autobiográfica, por fim, uma reconstituição de identidade ao seu modo, em sua verdade, para uma identidade do si.

Confessar, pedir perdão, justificar ou até mesmo a ideia ou o interesse da "perpetuação de uma identidade gloriosa" assim como "o anseio de forjar uma glória" (RIBEIRO, 1998, p. 35), tanto nos mostra, assim como nos faz pensar em possibilidades diversas, contudo, o limite em tais interesses, narcísicos ou não, não responde questões que estão em torno das estratégias autobiográficas e auto-representativas na expectativa e perspectiva da escrita de um sujeito específico.

As variações das vontades, a religião, a posição social, a situação econômica, os ideais políticos têm suas implicações, ou seja, o indivíduo do presente é quem pensa o indivíduo do passado (o uso da memória entra em ação), são levados em conta também os sujeitos que foram importantes e que marcaram o caminho, os espaços privilegiados e os elogios recebidos. O que está em jogo então são as maneiras que o sujeito pensa, interpreta e usa do seu passado, isso implica rememorar.

O ato de relembrar, rememorar constitui a "matéria-prima" (MALUF, 1995, p. 41) necessária para a construção de uma *escrita de si*. As memórias das vivências, as reflexões, acabam transbordando, excedendo, ao ponto de levar o sujeito a sentir a necessidade de formular a si ao seu modo e aos seus interesses. Podemos pensar que

> a recordação de eventos pessoais vividos no passado constitui a memória autobiográfica, a síntese e a referência de nossas histórias de vida. O ato de recordar envolve várias habilidades cognitivas, desde aquelas que permitem lembrar um fato

> pessoal, como o caminho de casa ao trabalho, até aquelas necessárias para escrever um livro contando a história de uma vida (GAUER & GOMES, 2008, p. 508).

Esses pontos (caminhar, trabalhar...) podem não ser significativos dependendo do sujeito que se auto-escreve, este por sua vez pode fazer referência narcísica, contar as formas de superação e vantagem sobre terceiros, assim como denunciar aos outros um trauma pessimista que o faz denegrir a si próprio na escrita autobiográfica, ou mesmo em outra intenção, a de denegrir-se na intenção de que lhe observem a capacidade de humildade e de pedir perdão enquanto propõe reconhecimento do próprio erro.

As variações são muitas e indefiníveis, de forma que se torna impossível descrever o que de fato é tal escrita em sua totalidade, pois ela é escrita da forma que cada vida vive na ação de escrever e da maneira como a própria vida se observa e busca se reproduzir e auto-indentificar-se pela escrita. Isso nos leva a creditar que, não há em sentido mais amplo do que definir a *escrita de si,* no caso específico das autobiografias, apenas como modelos subjetivos e únicos de escrita, mas que estão em relação com as vivências sociais de sua época assim como frente a espaços de conflitos que as tornam peculiares.

Definir e perceber tal prática partindo de uma análise de veracidade, de intenção mentirosa de quem escreve, não está vinculado aos respectivos parâmetros elaborados pelo historiador, mas sim articular os trajetos, desmembrar escolhas, refletir estratégias e pensar as maneiras como o autobiógrafo conduz a prática da escrita em consonância ou não com a sociedade em que participa. É pertinente ao caso refletir que, "muitas vezes deixamos de aproveitar o texto ou a história de vida como realidade em si mesma, quando essa é a única coisa em que deveríamos estar interessados como cientistas sociais" (ROSENTHAL, 2006, p. 194). A este respeito, consideramos então que, "todo texto autobiográfico é verdadeiro naquilo a que ele se propõe: narrar determinados acontecimentos ou fenômenos a partir de uma ótica muito particular. Não existe uma verdade essencial, existem verdades do autor" (CALADO, 2009, p. 108) significados de uma época e temas para escrita.

O dilema enfrentado pelo historiador ao se utilizar do gênero *escrita de si*, é de propor o uso desse tipo escrita em função da produção historiográfica. Podemos pensar a *priori* em duas perspectivas. Primeiro nos cabe pensar nas escolhas do historiador, o que nos é comum: o recorte da temática, do espaço e o estudo da complexa temporalidade. Segundo, a partir das iniciações básicas, cabe então formular as perguntas e desenvolver critérios de análise possíveis ao ofício, dialogando com conceitos de que nos possam fornecer instrumentos para análise da escrita de uma dada época, olhar sobre um contexto a partir dos escritos de um indivíduo que se auto-referencia e dos espaços e áreas em que o mesmo atuou.

Nas últimas décadas do século XX, com maior evidência, a História Cultural propôs novas possibilidades na expansão dos campos, abordagens e objetos da história. Os novos critérios de observação, elaborados pelas relações da História com a Antropologia, entre outras disciplinas, subsidiaram novos métodos e conceitos de análise a ser pensados e desenvolvidos. A "abertura no horizonte da história" leva em consideração as práticas culturais pelas "representações" (PESAVENTO, 2005, p. 39-40), nesse sentido, em nosso objeto específico, temos como proposta estimular parâmetros, "no qual podem ser observados desde as imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca, até as condições sociais de produção e circulação dos objetos da arte e da literatura" (BARROS, 2008, p. 59). Outro sentido amplo pode ser observado pela História Social a este respeito. Thompson nos levanta que "o historiador examina vidas e escolhas individuais, e não apenas acontecimentos históricos (processos)" (THOMPSON, 1981). Logicamente que o historiador não se debruça simplesmente na vida em si mesma, esta de fato não existe como única e determinante para a história, mas pelas relações e ações que constituem o próprio viver humano.

Dentre os vários aspectos supracitados, as multifaces de cada indivíduo ao atuar no "espaço papel" nos possibilita refletir que, tanto a complexidade de um mundo "presente" o incita (consciente e inconscientemente) a reproduzir novas práticas "auto-referenciais" em sua relação com a dinâmica social atual, quanto seus modos de pensar, produzir e se monumentalizar continuam atrelados e aferrados aos "usos" das lembranças do vivido. De um modo ou de outro tais práticas geram problemas e trazem temas para História. Acerca de tais concepções, o que se investiga de fato neste trabalho são práticas escritas, são maneiras de um sujeito específico atuar, escrevendo e agindo sobre "outros". Tal indivíduo fez uma escolha convencional e tradicional para sua "representação do eu" (GOFFMAN, 2009). A autobiografia será seu ato em busca de legitimação no tempo e espaço em que atuou.

Tratarei a seguir da análise de sua obra autobiográfica "O Menino que Disse SIM", investigando suas intenções, motivações, ideais e posturas políticas em seu ato de tramar a própria vida no papel, isso em função de estabelecer uma melhor compreensão de como uma autobiografia conduzida por um sujeito esclarece sua busca em exercer significados sociais de legitimação, assim como o esforço para cristalização de sua imagem em uma "premeditada" e almejada posteridade.

“O Menino Que Disse SIM”: Um olhar sobre o livro.

Em 31 de maio de 2008, na cidade de Aracoiaba[4] durante a festa do *Jubileu de Ouro* do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora[5], ocorreu publicação da obra autobiográfica “O Menino Que Disse SIM” de Salomão Alves de Moura Brasil. Sendo um momento de comemoração e festejo, foram feitas referências à “longa trajetória” percorrida pela instituição, assim como por seu idealizador, Salomão Alves. Merecido um presente especial, a obra foi oferecida como lembrança de outros tempos, uma rememoração elaborada de um passado considerado como responsável pelo presente, ou seja, o lançamento da autobiografia compôs funções especiais naquele momento, pois fez inferências, elaborou sentidos, propôs significados referentes a uma época importante para o autor, para a comunidade aracoiabense que fez parte da escola no passado e para os que participaram da celebração da *festa de ouro* da escola no presente.

A obra, que representa uma vida, um itinerário, pode ser entendida na festa como ponto de cruzamento, como laço entre presente e passado. O passado lembrado e representado por Salomão Alves pela escrita não tem seus limites nas páginas de seu livro publicado, nesse sentido, podemos pensar que “a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva” (SILVA, 2002, p. 428), e essa, por sua vez, faz seus usos e suas “representações”.

A referida obra possui em torno de duzentas e vinte duas páginas, dividida em cento e um capítulos breves, neles Salomão Alves elaborou uma narrativa de sua vida propondo o que mais lhe foi significativo. A dura infância com o falecimento do pai aos cinco anos de idade, a luta no dia a dia para ajudar sua mãe, primeiros contatos com a leitura, as travessuras de moleque, a saída de casa para estudar, os amores na adolescência, a família, pessoas comuns e figuras políticas que lhe foram importantes para um futuro brilhante, isto compõe algumas de suas principais predileções ao tramar sua obra. Expõe ainda sua vontade de “vencer na vida”, os espaços da cidade que frequentou, conquistas como a construção de sua escola e a ascensão da vida pessoal e pública posteriormente. Na obra, sua vida passa a ser guiada por um *si mesmo*, isso o envolve fazer algumas escolhas, desde seus grandes feitos, as vantagens diante de seus opositores, a prática da caridade, a formação acadêmica, a construção da escola e posição política conquistada.

---

[4] “Aracoiaba, cidade cearense localizada na região conhecida como Maciço de Baturité, distante 96 km de Fortaleza, com 728 km² e uma população de 24.935 habitantes, está dividida em nove distritos: Aracoiaba (sede), Varzantes, Ideal, Jenipapeiro, Plácido Martins, Lagoa de São João, Pedra Branca, Milton Belo e Jaguarão”. (SAMPAIO FILHO, 2003, p. 30).

[5] A referida escola foi fundada por Salomão Alves de Moura Brasil em 1958 na cidade de Aracoiaba. O “Jubileu de Ouro” faz comemoração dos 50 anos de existência da instituição.

Na elaboração de si pela escrita, constrói uma encenação dos acontecimentos que marcaram suas lembranças acerca de sua vida (isso não elimina algumas intenções específicas na trama própria da escrita), no entanto deixaremos isso para ser tratado mais adiante. Nesta parte do trabalho trataremos especificamente dos "significantes externos" da obra constituídos pela narrativa de outros, ou seja, analisaremos o ato da escrita e organização da obra em espaços cedidos pelo autor a outros, enquanto eficaz estratégia, entendendo assim seu trabalho como "um texto que tem poder sobre a exterioridade" (CERTEAU, 2009, p. 225).

Analisando o oferecimento feito por Salomão Alves em sua dedicatória, perceberemos sua intenção em inserir várias pessoas ("outros") da comunidade que se fizeram presentes em alguns momentos passados de sua vida. Da seguinte maneira inicia sua *Dedicatória*: "É com grande satisfação, que dedico esta Obra Literária, a todos meus familiares, aos amigos e colaboradores voluntários e a quem mais involuntariamente, tenha sido olvidado, por ocasião do: Jubileu de Ouro do Ginásio Escola Normal Virgílio Távora". (BRASIL, 2008, p. 5).

Sendo homem político, conhecido pelo diverso público aracoiabense, procura não desagradar aos leitores no intuito de não "desgastar" ou "pôr em risco" sua imagem. É possível perceber então um esforço de reunir e "nomear" pessoas/grupos para dedicar sua obra. Se alguém foi esquecido, a este justifica, pois não foi propositalmente, mas "involuntariamente".

Sua postura diante do publico leitor fornece possibilidades de se compreender a relação que estabelece com a comunidade aracoiabense, pois busca não desagradar, procura inserir a todos, mesmo que de forma indireta, procura mostrar ou oferecer um espaço aos outros, espaço que certamente é seu, pois na verdade foi elaborado por si próprio na trama da escrita e nos usos da memória.

Não só a dedicatória é uma forma de ressaltar a sua intenção de apresentar uma espécie de apreço significativo à "outros" diante do lançamento da obra no grandioso evento, mas a atitude de ceder espaços em sua autobiografia a várias pessoas que lhe foram importantes. Marilene Campêlo (prefeita de Aracoiaba); Ana Maria do Nascimento (prima); Salomão de Castro e João Eugênio (filhos); Antoinette Alves e Gercina Moura (irmãs); Eugenia Maria de Castro (esposa); Rose Mary Santana Matos (companheira, secretária e amiga) e Francisco Lusmar Paz (ex-professor da escola e amigo), todos(as) estes(as) tiveram suas oportunidades expor suas inspirações a partir da obra e da relação que mantiveram com Salomão Alves.

Não nos é comum encontrar um livro com tantos espaços cedidos à "outros". Um prefácio, uma consideração são modelos mais utilizados, no entanto, Salomão Alves

certamente teria suas razões para tal empreitada. Ao produzir um texto auto-referencial, (observo aqui na mais simples análise) queria expor uma imagem de si, mas ao expor-se ao seu modo certamente esperava algo em troca, um resultado, um comentário de elogio, não se pode definir o que de forma objetiva, no entanto podemos entender tais espaços cedidos como geradores de um retorno "significante" imediato de sua produção escrita.

Observando o significado do livro a partir de um olhar específico sobre o "SIM" de Salomão Alves analisemos como se comporta Marilene Campêlo Nogueira ao prefaciar a obra:

> "O Menino Que Disse SIM" é uma pequena autobiografia do autor. Trata-se da história de um menino que soube dizer "SIM", desde a infância até os dias atuais. Deixou-se seduzir pela vida, norteado pelos princípios étnicos, sociais, morais, religiosos e filantrópicos. (CAMPÊLO in BRASIL, 2008, p. 7).

Prefaciar uma obra constitui uma responsabilidade não referente à obra em si, mas também à imagem do autor. No entanto, este comumente é referido enquanto escritor ou profissional da área. "O prefaciador tem por função valorizar as qualidades do texto, apresentar seu autor a comunidade de leitores e justificar a sua importância diante da crítica" (VENÂNCIO, 2009, p. 175). Mas nesse caso específico, prefaciar uma autobiografia remete também a uma experiência simbiótica, ou seja, à medida que se fala do autor, se faz as inferências partir do texto, e da mesma maneira que se refere ao texto se pensa nas experiências pessoais que foram possíveis na relação estabelecida com autor em outros encontros que a vida propiciou. Se, ao prefaciar, a escolha existe para uma apresentação de quem tem uma credibilidade acerca da temática, Salomão Alves escolhe Marilene, pois esta tem algo a dizer sobre o autor.

Marilene Campêlo ao prefaciar e fazer menção à "sedução pela vida" constrói uma trama ao modo que Salomão conduziu sua vida pela escrita, propõe significados a um politico ao qual tem apreço. Sua explicação acerca da vida Salomão coincide com a autobiografia, pois nos é possível sondar que antes de prefaciar a obra a leitura tenha sido efetuada pela mesma, pois trama e envolve a vida observada por ela com a vida escrita proposta pelo autor.

O "SIM" do autor é tomado por Marilene, sua escrita invade as noções mais complexas da vida representada pelo autor em sua trama escrita, passando a explicar ao seu modo a maneira bela, correta. Agindo ou atuando pela escrita de modo "protecionista" [6], leva aos leitores a concepção de que Salomão Alves se propôs viver sua vida por práticas

[6] Podemos pensar "práticas protetoras" a partir de Erving Goffman em obra já citada.

positivas, que contribuíram de forma benéfica para com a sociedade em que atuou durante sua trajetória.

O “Deixar-se seduzir pela vida”, ainda apresentado pela mesma, denota o caráter do dizer “SIM”, que atua em seus envolvimentos com princípios morais, religiosos e filantrópicos em sua cidade, estes o conduzindo a uma vida exemplar, onde certamente, ao modo de ver de Marilene a caridade estaria presente.

É na leitura do livro que Marilene desenvolve os adjetivos utilizados, é no o contato com o que passa a ter como real que define suas concepções em torno de uma vida/escrita. O “SIM” do autor passa a significar determinados acontecimentos que para Marilene, na trama da leitura, se tornam essenciais para expor a obra e o autor simultaneamente. A “sintetização” do autor é feita por Marilene no prefácio quando esta se refere ao que tem para si como vida vivida por Salomão Alves e não “vida escrita”. Certamente sua amizade, admiração e relação política com o autor a colocou diante de uma situação de confronto ou complemento ao prefaciar sobre o mesmo: o olhar sobre a obra em relação á seu olhar sobre Salomão Alves[7].

Como dito anteriormente, não só Marilene Campêlo que posicionou um olhar e aprecio diante da obra de Salomão Alves. Os espaços abertos em seu livro contemplam indivíduos a participarem também na escrita da orelha, introdução e considerações. Algumas pessoas foram então permitidas a esboçarem seu apreço diante do renomado político e intelectual da cidade de Aracoiaba. Sendo assim, vários posicionamentos peculiares podem ser observados referentes ao livro e ao autor nos espaços cedidos por ele a “outros”.

Ana Maria do Nascimento, escritora, prima e amiga de Salomão Alves, escreve na orelha do livro (espaço cedido para sua colaboração) a seguinte consideração:

> Salomão – nome bíblico – O Rei Salomão era homem sábio e prudente, respeitado em todo o Oriente e no Egito. Salomão, a exemplo do Rei de Israel, detém sabedoria, possui inteligência brilhante, determinado, prudente, com visão progressista, antevê um futuro, pleno de avanços tecnológicos nas áreas educacional e social de nossa Aracoiaba (NASCIMENTO in BRASIL, 2008, *orelha*).

A *analogia* esboçada por Ana Nascimento pode ser entendida como um levante da imagem pessoal e política do autor diante dos leitores. Ao compara-lo com O Rei de Israel a colaboradora o apresenta atribuindo-o adjetivo de “prudente”, ou seja, aquele que pensa previamente antes dos atos, planeja e formula a melhor decisão a ser tomada.

---

[7]Antes do ano 2004 e depois de 1990, Salomão Alves foi opositor politico de Marilene Campêlo, isso certamente teve sua parcela de influência para a articulação das memórias no plano narrativo de Marilene Campêlo.

Ao observá-lo como homem progressista e a frente de seu tempo faz menção a sua sabedoria radiante, pensada e posta por comparação de igualdade em uma analogia com o Rei de Israel. Tal posicionamento de Ana Maria a revela enquanto uma protetora por excelência de um passado construído pelo autor em sua escrita, ou seja, por meio de uma representação Ana Maria visa cristalizar o espaço-tempo formulado, assim como uma imagem de si proposta por Salomão Alves em sua narrativa autobiográfica.

A autobiografia é aceita por Ana Maria, é tomada para si de modo que também passa a ser utilizada para uma nova reafirmação da imagem do autor, ou seja, a imagem de Salomão Alves formulada por si mesmo passa a ser reproduzida em novas perspectivas por "outros", no entanto não é posta de lado a função da intenção de legitimação do autor.

A construção, afirmação ou levante de uma imagem não se encerra apenas na comparação do autor (O Menino Que Disse SIM) com Salomão (Rei de Israel), a escritora justifica ainda sua importância política de diante da sociedade aracoiabense, enfatizando sua "colaboração inestimável" para seus conterrâneos aracoiabenses. Ainda na Orelha do livro Ana Maria expõe:

> As gerações futuras irão considera-lo por sua colaboração inestimável no progresso da cidade e consequentemente, no crescimento intelectual dos conterrâneos. "O Menino Que Disse SIM", estampa suas raízes, suas predileções, sonhos, seu lado filantrópico, seu amor pelos familiares e pelos mais humildes, sua gratidão pelo apoio recebido de amigos e de pessoas outras durante sua trajetória de vida.

Ao referir-se a Salomão Alves como "O Menino Que Disse SIM" (nome que Salomão atribui a si próprio e ao título de sua obra), Ana Maria o entende como um indivíduo que cumpriu, ao dizer "SIM", uma dura missão, e que de fato será lembrado e considerado pelas "gerações futuras".

Sua "vida escrita" e observada por Ana Maria recebe uma atenção quiçá esperada ou buscada por si, há então uma espécie de "retorno" para o que s escreveu. Já que há obviamente em sua escrita uma intenção de "perpetuação", de perduração de si no tempo, ou seja, a deixa de um "sinal de passagem" (BRASIL, 2005, p. 74), a escritora acaba por reforçar em suas palavras um sentido de atribuir uma permanência do autor no tempo.

Ao expor suas ideias no espaço que lhe foi cedido Ana Maria escreve ainda: "Salomão, o grande estadista ousou criar na bela cidade onde as aves cantam, um Colégio, que favorecesse o aprendizado, de nossas crianças e de nossa juventude, numa época em tudo parecia impossível". O discurso de Ana Maria ao expor Salomão Alves como homem que trouxe a mudança é proposto em um momento onde estão sendo rememorados outros tempos.

O texto, lido durante a comemoração dos cinquenta anos do G.V.T, pretende rememorar um passado que lhe é significativo.

Sendo prima do autor Ana Maria tenha também teve a intenção de construir um significado para si. Ao mesmo tempo propõe e enfatiza outras memórias, desta forma, podemos ter também consciência de que, neste caso específico “a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais” (SILVA, 2002, p. 428) que participam no presente e que também participaram de experiências e eventos anteriores.

As adjetivações direcionadas como “homem de sabedoria, que possui inteligência brilhante, determinado, prudente”, referenciadas por Ana Maria, estabelecem uma espécie de justificativa do presente momento. Salomão Alves que ao exibir durante a festa a história de sua escola, o livro publicado e a si mesmo, recebeu o merecimento de sua reconhecida “inteligência brilhante” de sua “prudência” e de sua característica de “grande estadista”, dispôs de discursos de “outros” em sua obra, isso o levou propor ou usar adjetivações para si pelos olhares e leituras de pessoas íntimas que se posicionaram também enquanto testemunhas, isto certamente causou seu efeito de credibilidade.

A *introdução* da obra no sentido que propomos até agora e conduzido pelo recorte feito neste item, compõe outra parte do livro que nos leva à necessidade de análise. Escrita por Lusmar Paz, ex-professor da escola de Salomão Alves, a narrativa introdutória exerce uma espécie de “apresentação calorosa”, oferece um exemplo de vida ao mesmo tempo em que indica a leitura do livro aos aracoiabenses. Afirmando que Salomão Alves traz o “passado ao presente” Lusmar Paz entende a obra como uma maneira de tirar ou fornecer lições do passado para a sociedade aracoiabense do presente e do futuro: “Dr. Salomão, homem de brilhante inteligência e memória fabulosa, nesse livro nos remete a uma viagem pelo túnel do tempo, trazendo o passado ao presente, mostrando assim às novas gerações, a riqueza e a fortaleza de sua luta, frente a obstáculos que a vida lhe apresentara” (PAZ in BRASIL, 2008, pp. 19-20).

A compreensão do significado da obra como uma “viagem”, que é feita por um “homem inteligente” e de “memória fabulosa”, possibilita, também, entender que Lusmar Paz observou com preferência os detalhes marcantes lembrados por Salomão Alves em sua escrita ao narrar suas dificuldades durante sua vida. “A fortaleza de sua luta, frente a obstáculos que a vida lhe apresentara” parece tanto uma justificativa ou tentativa de cristalizar um passado de glória, assim como “mostrar ás novas gerações” um exemplo que não deve ser esquecido, mas sim seguido.

Todas as colaborações vieram a ser efetivadas nas partes disponíveis somente após o término da escrita da autobiografia. Todos os sentidos propostos nas partes "extras" foram logicamente construídos a partir do olhar "destes" para os escritos de Salomão Alves e para suas relações vivenciadas com o mesmo em outras experiências.

A própria atuação escrita nos espaços cedidos mostra uma experiência de relação entre o autor e pessoas que foram importantes durante sua trajetória. Nesse sentido, ceder espaços significa também investir seu "capital simbólico adquirido nas lutas anteriores" (BOURDIEU, 1989, p. 146) em pessoas que lhe foram significativas, possibilitando então uma ascensão intelectual, política diante do público leitor aracoiabense e da sociedade como um todo.

Embora não exista uma nomeação oficial política ou estatal, uma legitimidade é adquirida a quem escreve no espaço dado. Sujeitos que foram alunos e professores de sua antiga escola, escrevem a partir de suas memórias, atuam servindo como testemunhas do que Salomão Alves escreveu acerca de si. Tal "astúcia" leva à comunidade aracoiabense ao reconhecimento de sua obra. De certa forma podemos entender ao modo que usa do livro, adquire prestígio para si por "outros", mas também, para "outros".

Motivações e invenções na construção de seu espaço-tempo.

Não é uma tarefa fácil desenvolver problemas e analisar significados em torno da escrita de um sujeito, ainda mais quando o criterioso trabalho de adjetivá-lo ou buscar compreendê-lo por si mesmo, passo-a-passo vive num constante "cair- por-terra". Pensar a escrita autobiográfica enquanto objeto de estudo constitui uma tarefa conturbada, cheia de desafios embaçados e controversos, pois tal homem é daqueles que, definindo a si próprio em sua escrita, não se deixa definir facilmente.

Concordando em parte com o que nos diz Claude Levi Strauss, quando enfatiza que "cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas" (STRAUSS, s.d, p. 10), será também a este modo que reconheceremos aqui a complexidade de uma "vida escrita" por uma vida vivida. Na "encruzilhada escrita" de Salomão Alves poderemos observar o "acontecer das coisas", desde as posições tomadas, dos olhares em torno de seus próprios feitos, dos pensamentos sobre si, sobre suas decepções e vitórias que sendo impossíveis de serem atingidas em pura essência subjetiva, serão analisados nos relatos autobiográficos e escritos auto-referenciais, através dos recortes pensados, pelas adjetivações ousadas e pelas lógicas montadas e possíveis a História.

A empreitada de nosso trabalho pode ser justificada ao tentar construir uma explicação no interesse de perceber, não de maneira ordenada, mas em diálogo, dois aspectos cruciais. O primeiro constitui em observar suas motivações (aqui se observa aquelas que levaram o autor tentar elaborar sua imagem permanente, assim como a produção de uma seleção de sujeitos que participaram de suas experiências anteriores); o segundo aspecto está centrado em suas invenções (autocontextualização que estabelece e "fixa" a criação de uma noção de tempo em sua invenção escrita, ou seja, a ordem de uma temporalidade, do seu ritmo próprio e sobre seu espaço produzido).

Suas motivações também fazem menção em como se coloca enquanto sujeito conhecedor do mundo em que vive e como busca "forjar" para si uma imagem de "sujeito destaque" na História, trata-se então da história de uma memória escrita.

Cabe-nos então pensar seu espaço de atuação, aquele em que atua, ou seja, "a *página em branco*: um espaço 'próprio' que circunscreve um lugar de produção para o sujeito. Trata-se de um lugar desenfeitiçado das ambiguidades do mundo". (CERTEAU, 2009, p. 225). Em seu "espaço próprio" reproduz/recria, ou melhor, representa a si e faz "usos" de suas memórias das experiências anteriores fundamentadas nas escolhas dentro do que suas lembranças o permitem. Já sua noção de temporalidade é o que também gera o movimento de suas relações, de um lugar ao outro, de casa para escola ou para rua, de uma experiência á outra, onde há também uma "ilusão de linearidade e coerência [...] expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando e convivendo com uma fragmentação e incompletude de suas experiências" (GOMES, 2004, p. 13).

Para um sujeito que escreve sobre si, sempre há várias intenções em torno de uma motivação central (a escrita), depois desta, o resto passa a ser elaborado também a cada inspiração, a cada "flash" empolgante à memória, a cada conversa retrospectiva, mas que de certo modo seja considerado necessário para uma lógica pessoal na escrita, para um enredo ou narrativa coerente com suas ideias do presente, fazendo uso do que tem como passado essencial.

Pensemos em Agatha Christie como um exemplo que não se encerra, esta nos expõe que seu motivo de se autobiografar foi uma simples vontade inesperada. A escritora define seu motivo da seguinte maneira: "inesperadamente senti vontade de escrever minha autobiografia. Esse anseio de escrever a própria biografia, ouço dizer, tarde ou cedo se apossa da gente. Subitamente, tomou conta de mim" (CHRISTIE, s.d, p. 12).

É bem óbvio que indivíduos vivem experiências que se diferem e se diversificam no tempo, como uma espécie de "cada-um-a-seu-modo", "cada-um-em-seu-tempo", que,

justificam de maneira simples ou não, ações e pensamentos que vão além do que pode ser pensado ou escrito. Nesse sentido, justificar o que foi escrito, ou porque foi escrito não nos aproximará da realidade em si, por intermédio do papel, pois o ato de escrever, assim como o próprio texto escrito, nos fornece possibilidades de pensar subjetividades que, deste modo nos permitirão fazer o uso dos "porquês".

Salomão Alves de Moura Brasil não nos expõe um motivo óbvio, claro e intencional referente à sua obra autobiográfica "O Menino Que Disse SIM". No entanto podem ser percebidas em outro de seus escritos, (este também entendido aqui como auto-referencial) intenções que "denunciam" seu "interesse" de perpetuar-se diante da sociedade em que vive, ou seja, em continuar atuando mesmo após sua morte.

Em poesia publicada em seu livro "Caleidoscópio" Salomão Alves faz referência à vida, à morte e ao que tem como "sinal de passagem": "Nossa vida é como o sol / Que desponta atrás da serra / Nascemos, subimos tanto, / Depois volvemos a terra... / É necessário portanto, / Nessa rápida viagem, / Deixar um rastro de luz, / Sinal de nossa passagem" (BRASIL, 2005, p. 74).

A vida, tida como uma rápida viagem, como um momento que logo se vai, pode ter sua permanência pelo rastro que se torna um sinal pessoal, único em seu espaço social. Mas a questão é: ao que o autor intenta ao entender a vida como uma viagem e o rastro deixado como uma luz? Como pretendia realizar eficazmente tais proezas?

Possivelmente o autor tenha se referido e refletido "atos praticados" durante sua vida, como a caridade, o bom exemplo, a fé, a perseverança, todavia, nos é possível perceber em sua poesia auto-referencial que, consciente ou inconscientemente, uma escrita autobiográfica é uma maneira plausível, ou seja, uma possibilidade grandiosa de registrar seus feitos, sendo assim o ato de se autobiografar, constitui também, uma maneira bem mais concreta, talvez mais eficaz, de fixar para "outros", o que se entende como "sinal de passagem" e "rastro de luz".

Em sua autobiografia "O Menino Que Disse SIM", também se debruça na construção de um espaço passado, pois ela é o "lugar" onde suas experiências são pensadas e organizadas pelo uso que faz de si mesmo, ou melhor, do que pensa de si mesmo. É pela narrativa autobiográfica que Salomão Alves vive e constrói a experiência de escrever experiências.

Ao começar sua obra em primeira pessoa [8] inicia da seguinte maneira o primeiro capítulo, intitulado: "Duas naturalidades: Aracoiaba X Iracema".

> Por ironia do destino, fui gerado em Aracoiaba, no sítio que meu saudoso pai arrendara e que permanecia ao Coronel Cirilino Pimenta de Almeida, ironia essa, que me valeu prazerosamente, o raro privilégio de duas naturalidades. Minha querida mãe, às vésperas de meu nascimento, teve que viajar com meu pai, minhas duas irmãs Gercina e Gecilda e a escrava alforriada, Antonia Maria da Conceição, a quem carinhosamente chamávamos Dindinha. Fora um dote que meu avô materno, o fazendeiro Francisco Alves do Nascimento, doara à minha mãe, por ocasião de seu casamento, segundo costumes da época. A viagem tinha como destino, a fazenda Pilar, no então povoado "Domingos João", às margens do Rio Figueiredo, afluente do Rio Jaguaribe, Distrito de Iracema, hoje município próspero. Ali chegando minha mãe, nasci eu (BRASIL, 2008, p. 21).

Ao iniciar a obra, mostra sua proposta tanto no interesse de conduzir uma ordem linear, quanto o esforço para dominar um tempo anterior a seu nascimento. A ordem da narrativa proposta como acontecimentos foram montadas a partir das colocações citadas acima: "Por ironia do destino fui gerado em Aracoiaba"; "A viagem tinha como destino" e "Ali chegando minha mãe, nasci eu". Tais podem ser entendidas como a força de um jogo narrativo que propõe signos sobre um tempo passado.

O "fui gerado" e o "nasci eu" existem em função de "um raro privilégio de duas naturalidades". A invenção e organização do tempo narrado pela escolha de momentos específicos colocam em evidencia sua trama pela escrita, sua criativa ordem ao narrar. Tal ordem insiste de certa forma, em demonstrar uma espécie de "elo de origem" com a cidade de Aracoiaba, pois o define enquanto "filho da terra".

Tendo desenvolvido sua vida durante a infância, adolescência, vida educacional e política em Aracoiaba, a justificativa "fui gerado" ganha um sentido de marco inicial no tempo na cidade de Aracoiaba, de ponto de partida para uma futura glória na cidade, que posteriormente seria seu espaço e sua atuação no campo político e educacional. Dessa maneira podemos pensar a partir de Paul Ricoeur, quando enfatiza que: "O mundo exibido por qualquer narrativa é sempre um mundo temporal. [...] O tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação a narrativa é significativa na medida em que esboça traços da experiência pessoal" (RICOEUR, 1994, p. 15).

Ao propor uma lógica pessoal a partir de determinados intuitos faz ainda uso do tempo quando narra, pois torna o tempo humano à sua maneira e em harmonia com suas expectativas

[8] A referência feita á primeira pessoa não é o limite, pois Salomão Alves alterna, entre primeira (Eu) Salomão, e terceira pessoa (Ele), "O Menino que Disse SIM", no decorrer da narrativa.

no presente. A apresentação dos sujeitos que o precederam seu nascimento, que o acompanharam de perto desde o ventre de sua mãe e o início de sua vida, também é um ponto essencial para explicar no curso da narrativa autobiográfica, quem participou de sua vida e como suas relações se desenrolaram durante seu itinerário narrativo.

Ao referenciar o Coronel Cirilino Pimenta de Almeida, Salomão Alves não o faz sem motivos, pois parte de um momento que este tem seu significado importante em sua trajetória. No inicio do item anterior foi explicitado que em 2008, durante a "Festa de Ouro", festa que comemorava os cinquenta anos de sua escola, comemorava-se simultaneamente o lançamento de sua obra autobiográfica. A comemoração do "Jubileu de Ouro" não esqueceu que em 1958, Salomão Alves comprou uma antiga fábrica de algodão na cidade que pertencera ao Coronel Cirilino Pimenta.

O lançamento do livro além de fazer uma "ponte" entre presente e passado (como foi dito anteriormente), também pode ser entendido como intenção de Salomão Alves em inserir e exibir diante da sociedade aracoiabense, sujeitos que o permitiram assumir a posição do presente. Não é sem motivo que no capítulo nove, intitulado "Um verdadeiro exemplo de coragem" escreve: "O bondoso e sisudo coronel, então proprietário da grande Fábrica de Algodão e outros produtos, que posteriormente viria a ser o famoso Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, o qual por ironia do destino, de minha propriedade, desde 31 de maio de 1958" (BRASIL, 2008, p. 32).

A sua posição do presente, (falo na experiência da escrita) se deve também as suas relações anteriores, as suas vivencias e experiências com determinados sujeitos. Negar a participação do Coronel Cirilino Pimenta, constituiria então negar um dos sujeitos que o possibilitou ascender social e politicamente na cidade de Aracoiaba, pois este está presente, em certos aspectos, desde sua infância. Embora esse não seja o foco deste trabalho, é importante ressaltar que a escola G.V.T compôs um significante importante na trajetória de Salomão Alves do mesmo modo, os sujeitos que dela participaram.

O avô Francisco Alves é o ponto de partida, é a possibilidade lembrada que o permite fazer referência à "escrava alforriada, Antonia Maria da Conceição, a quem carinhosamente" a chamavam de "Dindinha", esta o autor deixa bem exposto em sua obra, faz parte de sua infância, é membro da família, pois juntamente com sua mãe, constituem "as duas matronas" da família, isso após a morte de seu pai (BRASIL, 2008, p. 31).

Mas por que nos interessa observar e analisar o olhar de Salomão Alves sobre Dindinha? Qual o papel desta em sua escrita? É complicado questionar qual o papel de Dindinha no passado de Salomão, no entanto, no ato da escrita, ela exerce uma função

especial, pois sua imagem criada, seu nome dado de "escrava alforriada" e "dote que meu avô doara á mina mãe" pode ser entendida como uma forma de o autor mostrar que período histórico viveu e teve acesso.

Embora tenha nascido em fins da década de vinte do século XX, Salomão Alves busca inserir um personagem (o escravo) que marca a História do Brasil. Deste modo, mesmo que tal análise pareça insignificante, se apresenta também como um personagem da História Brasileira, como se dissesse "eu também faço parte dessa história, pois tive contato, acesso". Se tal argumentação parece esdrúxula, vamos à outras situações narradas.

Otília Alves do Nascimento, mãe de Salomão Alves. As referências feitas a sua mãe são diversas e demasiadamente excepcionais. Após a morte de seu pai, João Francisco, Dona Otília reúne o clã para uma conversa.

> Pontificou, com a fortaleza de uma "Joana d'Arc" e a firmeza de Cornélia, para com seus filhos, "suas joias" e assim se pronunciou: – Meus filhos, estamos sem seu pai, mas Deus está conosco. Todos terão que ter coragem, levantar a cabeça e seguir em frente. Algumas urgentes resoluções terão de ser tomadas. Não os darei a ninguém. Madrinha Antonia (como chamava a Dindinha), nos ajudará a criá-los com dignidade e todos haverão de ser educados. É necessária a colaboração geral para vencermos. Todos nós vamos partir para uma luta muito difícil, mas não impossível. Como primeira providência, em vez de doá-los para alguém os criar, sabe Deus como, vou fazer uma doação de uns aos outros, para sobrevivermos, no estilo Anjo da Guarda. (*Idem*)

Apresenta sua mãe como "mulher guerreira", aquela que sabe enfrentar as dificuldades, sabe tomar e organizar decisões em tempos difíceis. Mas o que ligação tem haver a coragem e ousadia de Dona Otília com a vontade de Salomão Alves se lançar pela narrativa enquanto um sujeito de destaque na História?

Otília Alves do Nascimento foi professora na cidade. Ao fazê-la referência em sua obra, sempre ou quase sempre explora possibilidades de mostrá-la como exemplo. Embora, por várias vezes, a tenha apresentado como personagem "excepcional" [9], em determinado momento, a traz à cena, na intenção de explicá-la como ponto de referencia e ligação para inserir outro conhecido personagem da história brasileira, Getúlio Dornelles Vargas.

Escreve ainda nos capítulos 33 e 34, intitulados "A visita do Presidente Getúlio Vargas a Aracoiaba" e "A carta a Getúlio", da seguinte maneira.

[9] Podemos pensar tal noção a partir do trabalho de (SCHMIDT, 2009). *Nunca houve uma mulher como Gilda?* Memória e gênero na construção de uma mulher "excepcional".

> Dona Otília, com seu elevado espírito de educadora, mantinha sua escolinha gratuita até que surgiu o "Milagre". A professora Otília, teve a coragem de escrever uma carta ao Presidente Getúlio Vargas, quando soube que o mesmo visitaria Aracoiaba, com sua luzida comitiva, em 1933.

No dia da passada de Getúlio Vargas por Aracoiaba, pela linha de ferro que vinha de Baturité, de acordo com Salomão Alves sua mãe

> Dona Otília se mantinha na linha de frente da calçada, como aqueles que logravam aquela oportunidade e, nas mãos, detinha ela uma carta, endereçada ao Presidente Vargas. Não foi fácil entregar sua missiva, mas Dona Otília conseguiu. Na missiva se qualificava e, a seguir, dizia das dificuldades que ela, bem como outras pobres viúvas, carregadas de filhos, passavam. Pedia também pelos agricultores de qualquer natureza e lembrava ao Presidente, as dolorosas consequências da grande e rigorosa seca, que o nordeste e, em especial, o Ceará, acabavam de sofrer. Lembrava também, os males causados a animais e humanos e o êxodo de muitos para o norte e para o sul, sem lar, sem rumo e sem Fé. Finalizava pedindo para ela, uma oportunidade de qualquer ajuda, para que pudesse exercer sua dileta vocação de educadora de 4ª entrância (BRASIL. 2008, p. 77-80).

No capitulo 43, "O milagre", conduz a narrativa afim de mostrar que "estava atendido o pedido que ela fizera ao Presidente Vargas". Dona Otília foi beneficiada pelo presidente Getúlio sendo nomeada como professora efetiva da cidade de Aracoiaba.

Diante de tais explicações do passado ao que Salomão Alves intenta? Inserir em sua vida e de sua família, de maneira direta ou indireta, personagens da História do Brasil significa também uma maneira de se inserir em uma relação com tais personagens. Se hoje os livros de História apenas fornecem explicações do passado, Salomão Alves não apenas explica, mas se insere, faz uma relação de seu passado, de sua lembrança familiar, deste modo torna-se sujeito atuante e coparticipante da sociedade no mesmo período em que tais ícones da História do Brasil atuaram.

Um último exemplo, ainda nesse sentido, podemos encontrar no capítulo 3, intitulado "Rebentão de 1932", Salomão mostra ter a plena consciência do que se passa naquele momento, tanto na região, como a nível mundial.

> Em 1932, aconteceu a segunda maior seca do século XX. Todo o nordeste brasileiro ardia "qual fogueira, pelo sol abrasador", como disse muito acertadamente, anos depois, o jovem poeta, autor do presente livro, acontecendo de uma só vez, as quatro maiores desgraças que os povos tanto temem, em todo o mundo: peste, guerra, fome e seca, sendo esta última, sempre seguida de epidemias e males contagiosos. Restava dessas para se concretizar, a guerra que estava para acontecer, quando Hitler já ensaiava os primeiros passos e escaramuças, com sua premeditada maldade. Pretendia ele, num futuro não muito distante, submeter o mundo a uma conflagração universal, a fim de impor a Alemanha, como potência única e seletiva, o que se concretizou dez anos mais tarde, em 1942. Os males que, com a seca vieram ao nordeste, foram de tal monta, que rapidamente assolaram toda a região, dizimando

os rebanhos de todas as espécies, tanto por falta de alimentos, como por pestes, de que eram acometidos (*Idem*).

Salomão Alves deixa bem exposto seu conhecimento acerca do mundo de 1932. Embora saibamos que algumas noções e concepções acerca dos temas do que o autor aborda só tenham sido amadurecidas em recentes décadas, ainda assim mostra-se enquanto pleno conhecedor do mundo naquela época.

Nesse sentido, para tal empreitada cria e insere personagens familiares comuns a si, ao mesmo tempo os envolvem consigo e com personagens comuns à memória coletiva. A personagem do escravo (Dindinha), do presidente (Getúlio Vargas) e do grande ditador (Hitler), são maneiras de inventar desde um contexto, perpassando por situações desenhadas pela narrativa, pela elaboração do tempo e de sujeitos específicos, e, simultaneamente, o coloca sempre em uma posição de ponto de referência, ou seja, todos os jogos narrativos o tratam enquanto personagem central, mas que também, para nós, aqui é entendido como aquele que inventa a si pela escrita.

Como dito no debate teórico (primeiro item deste artigo), as variações da escrita autobiográfica são muitas e indefiníveis, pois também estão externas ao texto e a nós, a esse interesse não nos cabe conjecturar, mas buscar a partir do que foi inventado pela escrita, isso implica em tentar entender a invenção dos personagens, do tempo, dos eventos que foram montados e norteados a partir da narrativa muito particular da uma escrita de si propriamente dita, ou seja, da autobiografia.

O "Menino" que se tornou homem ou o homem que se tornou "Menino"?

Hablando de autobiografia, tomo en cuenta las trampas y defectos inherentes al género. Una autobiografia es ante todo el relato de una vida; como toda obra narrativa es selectiva y, em tanto tal, inevitavelmente sesgada. Una autobiografia es, además, en sentido preciso una obra literaria ; en tanto tal, se basa en la distancia a veces benéfica, otras perjudicial, entre el punto de vista retrospectivo del acto de escribir lo vivido, y el desarrollo contidiano de la vida; esta distancia distingue la autobriografia del diário. Una autobiografia, finalmente, se basa en la identidad, y por ende en la ausencia de distancia entre el personaje principal del relato, que es uno mismo, y el narrador que dice yo y escribe en primera persona del singular. (RICOEUR, 1997, p. 13). [10]

[10] [Tradução livre: Falando de autobiografia, tendo em conta as armadilhas e as deficiências inerentes ao gênero. A autobiografia é principalmente um relato de uma vida; como qualquer obra narrativa é seletiva e, como tal, inevitavelmente tendenciosa. Uma autobiografia é também um trabalho em sentido literário preciso; como tal, é baseado na distância, por vezes benéfico, e prejudicial por outro, entre o ponto de vista retrospectivo, o ato de escrever o que viveu, e do desenvolvimento da vida cotidiana, esta é a distancia entre autobiografia e o diário. A autobiografia depende, em última análise da identidade e, portanto, na ausência de distância entre o personagem principal da história, que é o si mesmo, e o narrador que escreve na primeira pessoa do singular].

A experiência humana, em parte, só ganha um sentido estruturado para si e "outros" no plano narrativo. A autobiografia é uma narrativa "estruturada" fundamentada no "eu" passado em busca de uma história de si no presente. Não é como o diário intimo, que descreve um cotidiano constante, mas uma escrita que trata "de escribir lo vivido". Durante ou após seu desenrolar, com a tomada de consciência do indivíduo acerca do que viu, ouviu e viveu, os significados são construídos pelas seleções e esquecimentos que pertencem a memória do sujeito a propõe tal escrito.

A relação entre experiência, interpretação e narrativa constitui, para o sujeito que tende a escrever a si mesmo, uma maneira de dar sentido. Já a memória, esta é "matéria-prima" que permite a consciência da experiência entrar em cena, para que assim autor possa fazer os usos adequados, que também estão empenhados em contemplar um devir, e para que o sentido proposto tenha sua credibilidade.

Acerca da astúcia de uma narrativa de si escrita, ao recorrer-se sempre ao gênero ao qual chamamos usualmente de autobiográfico, esta tem seus aspectos situados mais em uma intenção do autor em busca de si no tempo, para si, para outros, do que a própria responsabilidade de uma esteticização da linguagem, que traça objetivos para uma contemplação do "belo" proposto por uma literatura romântica e poética. Porém, o uso do embelezamento poético em uma escrita "retórica", também pode ser entendido como maneira plausível do autor articular suas intenções políticas e pessoais em uma narrativa envolvente para o leitor.

Segundo Philippe Lejeune, especialista em autobiografias, ao fazer referencia ao "pacto autobiográfico", afirma que uma autobiografia pode ser definida como uma "narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo em relevo sua vida individual e em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE *apud* GARCIA, 2003, p. 16). Mesmo com tais ênfases, Lejeune ainda considera as peculiaridades que um tempo permite à escrita quando diz que "a autobiografia se define a esse nível global: é um modo de leitura tanto como um tipo de escritura, é um efeito contratual que varia historicamente" (LEJEUNE *apud* MARTINS, 2008, p. 102).

Ao observar o texto autobiográfico de Salomão Alves de Moura Brasil, quando este busca tornar-se "um outro" pelo título e pessoa empregados em sua autobiografia "O Menino que disse SIM", podemos compreender um novo "vir a ser" do autor pela escrita autobiográfica, por uma construção de si em um determinado tempo, que compreendemos

aqui em uma relação com a "noção antropológica" de temporalidade que nos ensinou Reinhart Koselleck.

Observando a noção de "passado" e "futuro", que estão em atividade no presente, como "experiências" e "expectativas" (KOSELLECK, 2006, p. 16), nos é possível entender que as tramas do autobiógrafo também são montadas pela sua consciência de tempo em função da construção de uma imagem. Quando este faz referência ao seu passado ("experiência"), ao fazê-lo dispõe de testemunhas, para que no devir ("expectativas") tenha seus legitimadores.

As noções centrais percebidas na construção autobiográfica de Salomão Alves em sua autobiografia "O Menino que disse SIM" se desenrolam, observando aqui de maneira simples, das seguintes relações: A consciência de uma experiência vivida (um passado), a observação pela memória do sujeito acerca de seu próprio passado (interpretação), a construção do texto autobiográfico (narrativa) e a busca de um reconhecimento da comunidade em que atuou (publicação do livro).

Propôs em sua autobiografia um jogo narrativo que considerou "vernacular", puro e inédito em sua experiência de se auto-escrever. Ao empregar em escrever a si mesmo entre primeira (Salomão Autor) e terceira pessoa, ("O Menino Que Disse SIM" do passado) articula, ao mesmo tempo, "Autor" e personagem em seu trabalho autobiográfico.

Excedendo a afirmação que Ricoeur nos propôs quando enfatizou que "a autobiografia depende, em última análise da identidade e, portanto, na ausência de distância entre o personagem principal da história, que é o si mesmo, e o narrador que escreve na primeira pessoa do singular" (RICOEUR, 1997, p. 13), perceberemos que as maneiras de escrever a si variam historicamente. Portanto, o uso da terceira pessoa para situar a si mesmo, enquanto estratégia do autor não retira o caráter autobiográfico de sua escrita, mas explica uma maneira própria de um sujeito apresentar a própria vida. Vejamos como Salomão apresenta a maneira que será conduzida sua obra.

> Quero fazer-lhes uma oportuna observação. O tratamento vernacular aqui empregado foge muito propositalmente ao estrito modelo gramatical, uma vez que, **"O Menino que disse SIM",** apesar de ter conduzido o **Autor** ao solar dos Jesuítas e ali haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos, sozinho, prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distancia, o que tem cumprido rigorosamente. Se há constantes momentos em que se observam tratamentos gramaticais referentes ao "Menino que disse SIM" e o Autor, tal fato ocorre, em virtude da simbiose de ambos, por assim dizer, pois representam a mesma pessoa, ou seja, o Autor. **[grifos meus].**

Se a vida de Salomão Alves esteve estritamente ligada ao Colégio Jesuíta, este é apresentado como o ápice que o “Menino” o conduziu. Salomão enquanto Autor não rememora sua vida enfatizando seu próprio “eu” como responsável pelos “primeiros passos”, para tal astúcia, acerca do início da conquista, dos “primeiros passos”, da bela carreira, cria um personagem (“O Menino”), ao qual atribui suas qualidades do passado, no entanto, sabe e afirma, ainda no mesmo texto, que o “Menino” e o Autor são a mesma pessoa em Salomão Alves.

O “Menino” e Autor estão em constante diálogo a partir do Narrador, este é o estrategista, “dono da verdade”, o que conta a história. O Autor é aquele que em sua comunidade busca legitimidade pela obra, que está fora do texto, é também aquele que existe pela construção do trabalho, que por ele se apresenta e que através dele existe como verdadeiro Autor do livro diante do leitor. O Autor faz uso do que o Narrador fala e propõe acerca do “Menino”, e sendo o Autor o próprio “Menino”, e o Narrador, a voz do “Menino”, a narrativa enaltece o Autor à medida que responsabiliza o “Menino” por “haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos”.

O esforço “retrospectivo” de Salomão Alves em situar memórias acerca de suas “experiências” vividas anteriormente, remonta a existência do “Menino”. O “Menino” é a própria noção do passado pela “experiência” de Salomão. O constante jogo entre “Menino”, Narrador e Autor estabelece uma divisão e organização do tempo pelo sujeito e do sujeito pelo tempo, tais astúcias são responsáveis para que as engrenagens narrativas entrem em operação.

A existência da “experiência” de Salomão Alves está reservada ao “Menino”, pois foi este que no passado experimentou as labutas da vida, os entraves da pobreza. Ao dizer que o “Menino” “prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distancia, o que tem cumprido rigorosamente”, Salomão Alves enfatiza que é o “Menino” que não o deixa cair no esquecimento acerca de suas raízes, de seus sofrimentos, de sua dura infância com a perda do pai, e quando logo após “saí à luta e só ao me verem de preto e sabendo de quem eu era filho, muitos compravam os tijolinhos, por compaixão e caridade” (BRASIL, 2008, p. 33).

Órfão de pai e pobre, o “Menino” é lembrado por Salomão como aquele que sofreu com ele no passado antes de entrar no “Ninho das Águias” (Mosteiro dos Jesuítas), aquele mesmo “Menino” que disse um dia:

> - Salomão, entre comigo neste mosteiro. Até aqui você comentou toda minha vida, desde a mais tenra infância, agora sou eu que o entrega ao “Ninho das Águias”. Entre, lembre-se de que, doravante você mesmo ocupará o meu lugar. Não o

> abandonarei. Serei sua segunda espiritualidade. Diga sempre SIM, como me ensinou. – Obrigado, meu "Menino que disse SIM". E um novo mundo, abre-se para mim, lá nas alturas do "Ninho das Águias" (BRASIL, 2008, p. 156).

O "Menino" é quem conduz Salomão Alves ao "Ninho das Águias" pelo seu esforço e coragem. Ao lembrar o "Menino" lembra a si próprio antes de entrar na escola, antes de começar sua carreira. Rememora então a pobreza do "Menino" quando ele e sua irmã ao ir em busca de doações para sua matrícula na Colégio Jesuítas são alertados por Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora que diz: "- Digam sua mãezinha , que aquele, é realmente o melhor colégio de internato do estado, mas não é muito barata a mensalidade. Contudo, vão em frente." (BRASIL, 2008, p. 150).

O "Menino" é a criação do autor acerca de suas "experiências", melhor, é a própria "experiência" narrada. Suas dificuldades quando criança, o levaram construir um personagem que sofreu para tornar-se Salomão Alves. As lembranças dos tempos difíceis antes de entrar no Colégio Jesuíta, o levaram a dividir a si mesmo no tempo. O "Menino" entrega a si mesmo enquanto Salomão e enfatiza que este deve dizer sempre SIM com lhe havia ensinado.

Em sua autobiografia busca abarcar toda sua vida (uma totalidade) passada pela rememoração. Para tal astúcia faz uso de estratégias, que ao estarem diretamente pensadas em uma relação com suas experiências, ganham um sentido muito particular. Marina Maluf nos possibilita refletir nesse sentido quando lembra que,

> O fato de o enunciador conhecer e descrever experiências particulares de tempos pretéritos a partir de uma perspectiva presente, que necessariamente diz respeito à sua própria imagem, leva ao autor elaborar estratégias verbais específicas – um estilo – para expressar a "verdade" sobre os fatos e acontecimentos passados. Ele se apoia sobre essas formulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor, contendo, assim, a erupção desordenada do tempo privado (MALUF, 1995, p. 29).

A "perspectiva presente" do "Autor" está em deixar uma imagem de si como exemplo, como aquele que soube enfrentar as dificuldades que a vida lhe lançou enquanto "Menino". Contar a própria história de vida é, ao mesmo tempo, fazer usos da memoria e construir uma nova experiência narrativa para que seja compreendida por outros. Salomão nomeia a si no passado de "Menino que disse SIM", no entanto, sabemos que tal nomeação construída por uma adjetivação da "experiência", faz inferência à sua vida, seus enfrentamentos diante da pobreza.

Ao chegar ao “Ninho das Águias”, uma nova etapa narrativa começa na vida escrita pelo “Autor”. Não haverá mais o tratamento “vernacular” fazendo referência direta ao “Menino que disse SIM”, mas o “eu”, o “Autor”, Salomão Alves.

Em sua narrativa, discorre sua formação no Colégio Jesuíta, o fim da jornada no “Ninho das Águias” (1948), sua formação acadêmica, seu Bacharelado na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras – Curso de Letras Clássicas (1951). Nesse momento enfatiza que recebe convites para trabalhar em alguns colégios. Não fazendo referencia a si como “Menino”, mas como próprio Salomão Alves, seus apontamentos se empenharão em mostrar as relações políticas do “eu”, a isso cabe sua experiência narrativa.

> Entrementes, **surgem-me** vários e oportunos convites para assumir diretorias de colégios, uma em Pernambuco, outra em Granja - CE e uma terceira em Jaguaribe. Pernambuco, por razões de distância de minha terra natal; Granja, também foi descartada, **pois era eu noivo da filha do Prefeito**, o Cel. Antonio Monteiro Carneiro da Cunha, que me formulara o convite. A razão da escusa, é que **não me parecia** razoável aceitar o convite, pois poderiam interpretar como o ―golpe do baú‖ e mesmo, não **tinha eu a certeza** se o enlace daria certo ou não. Restava Jaguaribe. Tudo indicava que daria certo. O Ginásio era o tão famoso “Carmela Dutra‖” que depois se transformaria, em Ginásio e Escola Normal, **uma vez que eu conseguiria o registro e o reconhecimento estadual daquela unidade escolar, como de 1º e 2º graus. Ademais, o colégio pertencia às famílias Távora e Barreira e quem me formulara o convite**, fora nada menos que o Deputado Estadual Ademar Távora, em um jantar no solar da família, com as presenças do Cel. Virgílio Távora, do Dr. Carloto Fernandes Távora, irmão do grande Cabo de Guerra, Marechal Juarez do Nascimento Fernandes Távora, contando ainda com a presença, da grande e veneranda Dona Francinete Távora (BRASIL, 2008, p. 173). **[grifos meus]**

“O Menino que disse SIM” perde o espaço na narrativa no momento em que o “eu” político de Salomão Alves de Moura Brasil entra em cena. Ao “Menino” não interessa uma relação política, pois a ele foi destinado os “primeiros passos”, o sofrimento, a pobreza e a um esforço em levar o homem político primeiramente ao “Ninho das Águias” e consecutivamente à uma ascensão em suas relações pessoais, profissionais e políticas, que o possibilitasse a construção de uma imagem privilegiada diante da comunidade.

A construção de sua vida é uma construção narrada. O esforço de produzir uma linearidade, de escolher ajustar personagens, de privilegiar determinados fatos, até o lançamento do livro diante da comunidade aracoiabense, nos mostra seu empenho em cultivar, a partir de sua memória e posição política, uma lembrança na comunidade aracoiabense.

A escrita é o espaço construído por ele e para ele mesmo. Sua vida é articulada no papel, suas "experiências" no tempo se tornam palavras que exercem uma auto-representação do autor pela narrativa,

> mas a vida narrada não é a vida vivida. A experiência da narração é aquela que transforma o vivido no contado ou, melhor dizendo, consiste na *configuração* dos acontecimentos da vida em um enredo, que por seu lado, permite uma *refiguração* dessa mesma vida, dotando a de uma identidade narrativa que pode ser interpretada e compreendida. (RICOEUR *apud* SANTOS, 2006).

Salomão Alves buscou construir a si pela conhecida "identidade narrativa" que Ricoeur nos propôs. Sua autobiografia "O Menino que disse SIM" é uma leitura que o "Autor" faz de si no tempo, é também a consciência de que ao fazer uso, e ter domínio desse tempo por intermédio de uma figura narrativa o faria permanecer diante do publico ao qual travou relações durante sua vida.

Escrever sobre si não é somente apresentar si próprio, é também tramar pela memória uma narrativa justificável e bem elaborada que traga sua verdade para não ser questionada por terceiros, ou melhor, por "outros". Se o "eu" é o centro das atenções, o "outro" é o protagonista da observação, mas não observação ingênua e sem ação, mas contemplação inquieta, criativa, interventiva. É nesse sentido que pensamos o uso do tempo por Salomão Alves de Moura Brasil em sua "identidade narrativa", pois é esta que age, em grande parte numa constante atuação e relação com a sociedade aracoiabense.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história:* especialidades e abordagens. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Nunca houve uma mulher como Gilda?* Memória e gênero na construção de uma mulher "excepcional". In: GOMES. Ângela de Castro & SCHMIDT. Benito Bisso. (org.) *Memórias e Narrativas (Auto)biográficas*. (Org.) Rio de Janeiro: FGV, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. *Da história ou da literatura?* O limbo das autobiografias. In: Seculum, nº 20, Revista de História: João Pessoa, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de Autobiografias e Diários íntimos*. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. nº. 10, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano:* 1. Artes do fazer. 13ª Ed, RJ: Vozes, 2009.

CHRISTIE. Agatha. *Autobiografia.* Trad. Maria Helena Trigueiros. Rio de Janeiro: Editora Record. s.d.

GARCIA, Celina Fontenele. *O papel da memória na narrativa autobiográfica.* Revista de Letras. nº 25 - Vol. 1/2. 2003.

GAUER, Gustavo & GOMES, William Barbosa. *Recordação de Eventos Pessoais:* Memória Autobiográfica, Consciência e Julgamento. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília: Vol. 28. nº. 4, 2008.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. RAPOSO, Maria Célia Santos. Petrópolis, Vozes, 2009.

GOMES, Ângela Castro. *Escrita de si, escrita da História:* a título de prólogo. In: GOMES. Ângela de Castro & SCHMIDT. Benito Bisso. *Escrita de si, escrita da História* (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

KOSELLECK. Reinhart. Futuro Passado: Contribuição á semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia.* In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Anna Faedrich. Resenha de: LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008. p. 102.

POLLAK, Michael. *Memória, Silêncio e Esquecimento*. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas Vol. 2, nº 3, 1989.

RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de si, ou...* In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. nº 21, 1998.

RICOEUR, Paul. *Apud* SANTOS, Márcia Pereira. *A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias:* contribuições Ricouerianas na escrita da história. Emblemas: Boletim da Linha de Pesquisa: Campos de Experiências e Relações de Força, v. 1, p. 1-80, 2006.

RICOEUR, Paul. *Autobiografía intelectual*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visíon, 1997.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa.* Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROSENTHAL, Gabriele. *A estrutura e a Gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas*. In: AMADO, J. & FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 194.

SAMPAIO FILHO, Dorian. *História dos Municípios do Ceará*. Fortaleza: RBS, 2003.

SILVA, Wilton Carlos Lima. *Espelhos de Palavras*; escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT Benito Bisso (org.). *Grafia da vida*: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Rememoração e Comemoração:* as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

STRAUSS, Claude Levi. *Mito e Significado*. Portugal - Lisboa: Edições 70, s.d.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria* ou um planetário de erros. (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENANCIO, Giselle Martins. *A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada*. In: GOMES. Ângela de Castro & SCHMIDT. Benito Bisso. (Org.). *Memórias e Narrativas (Auto)biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.